

Dona Zelita

Dona Zelita, Joselita Moreira da Silva, aos seus 72 anos, é uma das raras mulheres sambadeiras que além de sambar muito na roda, sempre cantou chulas. Nascida em Saubara, no Recôncavo, foi criada na roça, no “trabalho bruto” da enxada, de lavar e passar. Educada por pais sambadores, extremamente rigorosos, D. Zelita lembra que seus pais a impediram de estudar, porque acreditavam que estudo era coisa para homem. Reprimiam também seu interesse pelo samba temerosos que ela perdesse a honra e o juízo. Sem oportunidade de frequentar a escola, D. Zelita aprendeu apenas a assinar o nome. Aos 19 anos, no tempo do bonde elétrico, migrou para Salvador para “trabalhar na cozinha do branco”. Casou uma única vez com um homem que bebeu muito, que a traiu muito, morreu cedo e lhe deixou a convicção de que nunca deveria disputar a atenção e o interesse de homem nenhum. Tornou-se uma mulher livre que vai para onde quer, volta quando bem entende. “Já fui até nos Estados Unidos... se eu tivesse marido ainda num tinha ido”. E o samba? No que diz respeito ao samba, D. Zelita diz que quanto mais se canta mais chula sai. No passado, além de sambar e cantar, tocou pandeiro, tambor, acompanhava o samba na palma da mão. Embora reconheça o som especial que a viola produz no samba chula, D. Zelita afirma que em Saubara se faz samba sem viola mesmo. Os violeiros antigos morreram e na ausência deles se mantém “o mesmo ritmo” com o “samba de pandeiro” e o prato e faca.